



Resenhas

cage, fora da jaula

GUSTAVO SIMÕES

Joan Retallack. *MUSICAGE: palavras. John Cage em conversações com Joan Retallack*. Tradução de Daniel Ávila. Rio de Janeiro, numa, 2015, pp. 208.

Empolgado por algumas garrafas de Retsina, vinho grego, John Cage “pisou o meio-fio para atravessar a rua, sorrindo e acenando, e por pouco não foi atingido por um táxi em alta velocidade” (p. 30). Desta maneira registrou Joan Retallack, em *MUSICAGE*, o primeiro encontro com o artista anarquista. Em 1968, a fita com o depoimento, porém, não pôde ser aproveitada. Com a eleição do republicano Richard Nixon, Retallack, então funcionária do Ministério da Justiça, responsável por levar adiante um projeto interdisciplinar contendo entrevistas com artistas e militantes antiguerra, foi demitida, e o pequeno objeto sequestrado por autoridades subtraído em algum gabinete de Washington D. C.

Duas décadas mais tarde, em 1990, a convite de Rod Smith, editor da revista *Aerial*, a poeta e filósofa voltou a ver Cage. Segundo ela, Smith havia decidido publicar

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: gusfsimoes@gmail.com.



uma seleção de receitas macrobióticas indicadas pelo artista, além de “Arte é uma reclamação ou faça outra coisa”, mesóstico construído por ele a partir de uma conferência de Jasper Johns. Assim, em setembro daquele ano, às vésperas da chamada Guerra do Golfo e não mais submetida a autoridades estatais, animada por Smith para entrevistar Cage, Retallack encontrou novamente o libertário, agora em Nova York, na “mesa redonda de madeira onde ele compunha, a poucos metros de distância de um conjunto de grandes janelas com vista (e ouvidos) para a Rua 18 e a Sexta Avenida” (p. 33).

As gravações logo ultrapassaram a sugestão inicial feita pela *Aerial*, resultando no póstumo *Musicage: Cage muses on Word, Art and Music*, publicado em 1996 pela Wesleyan University. Vinte anos depois, 2015, a editora numa corajosamente apresentou uma pequena parte deste material sob o título *MUSICAGE — palavras: John Cage em conversações com Joan Retallack*.

Para Daniel Ávila, transcritor da obra, “se trata mais de uma transcrição – no sentido da adaptação de uma peça musical a um novo instrumento — desta vez para uma língua com outra tessitura, ritmo e timbre” (p. 68). Ávila dá continuidade às raras transposições dos escritos experimentais do artista anarquista — trabalho iniciado no Brasil, com Rogério Duprat e Augusto de Campos, e que também contou recentemente, na *verve*, com ousadas iniciativas de Thiago Rodrigues.

A edição, iniciada com extensa apresentação de Joan Retallack, é composta também pelo mesóstico “Arte é uma reclamação ou faça outra coisa”, no qual, a partir das considerações de Jasper Johns, Cage reitera a relação



Cage, fora da jaula

de amizade com o artista, bem como a perspectiva da antirepresentação afirmada por ambos. No caso de Cage, em especial, desde a apresentação de “4’33”, em 1952, quando o pianista David Tudor, seguindo as indicações transcritas por Cage, sentou-se ao piano por exatos quatro minutos e trinta e três segundos sem executar nenhuma nota. Recebida com agressividade e espanto, a apresentação de 4’33” pode ser considerada como a emergência de uma atitude claramente anarquista em Cage, voltada à antirepresentação, que abriu a possibilidade de que todos os ruídos e sons fossem incorporados à experiência sonora e sensorial de uma audiência não mais passiva na posição daquele que apenas ouve.

Sobre Johns, escreveu o compositor libertário: “Uma grande parte da minha obra tem se envolvido com a pintura como objeto, como coisa real em si (...). Isso quer dizer que eu acho mais interessante usar um garfo real como pintura do que usar a pintura como garfo real” (p. 75). A experimentação singular do mesóstico foi uma maneira pela qual Cage, desde o começo dos anos 1970, apresentou textos com pequenas celebrações de amigos próximos, dispondo as palavras na página como um poema, porém, no meio delas, a cada linha, uma letra do nome ou do tema destacada em maiúsculo, evidenciando um modo a mais de leitura possível, vertical, espinha e corpo do poema. Foi, no entanto, na última parte de *MUSICAGE* que Cage afirmou de modo contundente seu percurso ético-estético antimilitar e anarquista.

Em *MUSICAGE*, o artista com então 78 anos, recebeu Joan Retallack em duas tardes de setembro, final do verão em Manhattan. Interrompido constantemente por chamadas telefônicas de diversas partes do planeta, pelo



ritmo da comida “na cozinha aberta onde muitas vezes algo delicioso estava no fogo” (p. 33) e por seu gato, Losa, Cage esbanjou seu característico bom humor. “Um editor, logo no início, achou isso um pouco alarmante. Ele se perguntava se eu não deveria tirar um pouco dos ‘risos’ das transcrições, para que a imagem de Cage como uma figura séria das artes pudesse ser reforçada” (p. 50), recordou Retallack. Uma das inúmeras gargalhadas ocorreu quando o artista lembrou da ocasião em que, caminhando com Daisetz Teitaro Suzuki, presenciou uma senhora que virou-se para um dos responsáveis pela disseminação do zen no ocidente e disse: “Dr. Suzuki, falamos com você a noite toda. Fizemos perguntas e nada ficou resolvido” (p. 163).

Junto a alegres recordações como esta, o artista ainda comentou a importância da incorporação do I-Ching às suas invenções, a proximidade com outros artistas libertários como o poeta Jackson Mac Low, as leituras de Buckminster Fuller e Marshall Mac Luhan. E, às vésperas da “Tempestade no Deserto”, nome da intervenção militar dos Estados Unidos da América, sob o governo de George Bush, no Iraque, combateu não somente o militarismo estadunidense como também a noção de nações: “a primeira coisa que temos que fazer é nos livrarmos delas (...). E começar a reconhecer a verdade, que estamos todos no mesmo lugar e os problemas de um são os problemas de todos. Não há mais lugar para se esconder” (p. 151).

Mesmo com as poucas indagações de Retallack a respeito — em determinados momentos a poeta e filósofa estava mais interessada em uma suposta relação de Cage com filósofos não citados por ele, como Wittgenstein —, em *MUSICAGE*, dois anos depois da publicação de



Cage, fora da jaula

Anarchy, livro de mesósticos composto a partir de excertos vibrantes de Emma Goldman, Mikhail Bakunin, entre outros, o artista afirmou incisivamente seu libertarismo. Na conversa com Retallack, começo da última década do século XX, simultâneo à invenção do que denominou *harmonias anárquicas*, presentes em suas “number pieces” e, por fim, de “Five Hanau Silence” — parceria sonora efetivada com punks de um *squatter* em Hanau, na Alemanha —, ao ser questionado sobre o que colocaria no lugar da política, concluiu: “A singularidade do indivíduo (...). Sociedade Anárquica” (p. 162).

MUSICAGE apresenta apenas as duas tardes, em meados de 1990, da conversa entre Cage e Retallack. Contudo, os encontros se estenderam por inúmeras vezes até o final de julho de 1992. Em uma das últimas ocasiões, segundo Retallack, conversaram sobre Walt Whitman e sobre como o centenário da morte do poeta, que naquele momento, enchia de vitalidade as ruas de Nova York. Esperamos que em breve uma nova edição traduza a sequência deste precioso material. Assim como as *The selected letters of John Cage*, antologia de cartas organizadas por Laura Kuhn e publicadas em 2016 pela Wesleyan University.

As transposições de Cage para o português, como a realizada pela *numa* e Daniel Ávila, são vitais para que o pensamento libertário de John Cage avance ainda mais no Brasil, instigando artistas e anarquistas. Dessa maneira apreenderemos outras histórias do percurso do artista que, na década de 1930, rompeu com a harmonia de Arnold Schoenberg; no intervalo entre os anos 1940 e 1960, dessacralizou o piano com suas preparações; andou com o *The Living Theatre* e outros artistas libertários na Black



Mountain College e na experiência de vida coletiva na rural Stonypoint e, por fim, ao longo das décadas de 1970 e 1980, produziu libertariamente escritos de combate ao que chamou de linguagem militarizada.

Contudo, a cada tradução, a cada transcrição do artista, algo que para certos anarquistas não possui idioma ou território, torna-se ainda mais explícito os combates à política e à autoridade. Em outras palavras, no presente, a edição de um livro acerca de uma vida como a inventada por Cage, mais do que regozijar curadores e editores, é um convite à sedição. Ou melhor, àquilo que os anarquistas há muito tempo chamam de *ação direta*: agir no presente, sem deixar-se representar por outrem, afirmando práticas livres.

Repensar a anarquia ou anarquizar o presente?

ACÁCIO AUGUSTO

Carlos Taibo. *Repensar la anarquía. Acción directa, autogestión, autonomía*. Madrid, La Catarata, Tercera Edición, 2015, 198 pp.

O livro de Carlos Taibo pode ser lido num amplo conjunto de produções e análises contemporâneas sobre

Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Atualmente desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Política da UVV (Universidade de Vila Velha) com bolsa CAPES no qual atua como professor credenciado. Atua também como professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES. Contato estadoalterado@yahoo.com.br